



## **Catedral de São Pedro**

[www.catedraldesaopedro.com.br](http://www.catedraldesaopedro.com.br)

---

### **Fundação**

A povoação do Rio Grande de São Pedro está inclusa num processo histórico mais amplo demarcado pelo avanço luso em direção ao extremo-sul da América Meridional e o intento de proteger a Colônia do Sacramento. Os primeiros habitantes tiveram de enfrentar problemas das mais variadas ordens, desde a inclemência climática, o difícil abastecimento e, muitas vezes o abandono das autoridades públicas.

Neste contexto de amplos obstáculos, o espaço e o tempo para a sociabilidade e a reflexão eram escassos, aparecendo a religião como uma das únicas válvulas de escape para aqueles homens e mulheres.

A própria ocupação humana do território sul-rio-grandense foi antecedida pela organização religiosa, sendo ali criada uma freguesia em 1736, sete meses antes de Silva Paes fundar o presídio do Rio Grande. Surgia assim a paróquia pioneira do Rio Grande, a qual foi de suma importância para a fixação e expansão da Igreja no chamado Continente do Sul.

O cotidiano dos colonizadores era dos mais árduos, entregues aos pesados afazeres de todos os dias, envoltos por clima e terreno hostis e enfrentando as carências generalizadas advindas da mínima estruturação de um sítio urbano.

A inclemência das intempéries e as precariedades de toda ordem também faziam sentir seus indeléveis efeitos junto aos templos. As obras para refazer os estragos eram constantes.

A situação do povoado entranhado nas terras sulinas iria passar por algumas transformações a partir do final da década de quarenta, num processo que culminaria com a assinatura do Tratado de Madri, o qual parecia finalmente eliminar a constante crise entre as Coroas ibéricas, previsão que não se confirmaria no futuro. Nesta época, a povoação do Rio Grande seria elevada à categoria de vila e teria papel destacado, como centro administrativo no sul, nas atividades de demarcação das fronteiras.

Foi nesta conjuntura que ocorreu a gênese da edificação da Igreja de São Pedro, notada mente a partir da presença do representante da Coroa, Gomes Freire de Andrada, em terras rio-grandinas.

Durante a permanência da autoridade lusa, o padre Manoel Francisco da Silva tratou de colocá-lo a par das dificuldades enfrentadas em seus misteres, começando os entendimentos em torno do erguimento de um novo templo.

Buscando atender a demanda do vigário, Gomes Freire de Andrada aproveitou os trabalhadores e o material reunidos para fazer a residência do governador e deu princípio às obras da nova igreja. Afirmava o comandante luso que era mais certo e necessário acudir a reverência do Santíssimo Sacramento, ajustando com o vigário e dar a capela-mor e a frontaria, enquanto ao povo caberia fazer o corpo da igreja.

Nascia, a 25 de agosto de 1755, a mais antiga igreja do Rio Grande do Sul, através da ação conjunta da população, das autoridades, dos funcionários e dos engenheiros que acompanhavam Gomes Freire no Rio Grande.

## **História**

A pequena vila formada por residências em sua maioria ainda pouco estruturadas, com a edificação da nova Matriz alcançava um ponto fundamental em seu, ainda incipiente, processo de urbanização. Enraizada no centro da recente povoação, a igreja passaria a exercer um papel preponderante como foco

irradiador e elemento de concentração de sociabilidade no seio da comunidade rio-grandina.

A paz não foi duradoura e, em 1763, o Rio Grande seria invadido e alocado como possessão dos espanhóis. Os treze anos de domínio hispânico trouxeram conseqüências severas para a comunidade rio-grandina, através dos retrocessos socioeconômicos e urbanísticos e mormente com a perda do caráter de centro administrativo das terras do sul. A Matriz de São Pedro, além da dilapidação promovida pelos próprios luso-brasileiros, em nome de uma política da terra arrasada, também sofreria perdas a partir da presença dos espanhóis. Tornou-se o templo também uma presa de guerra, (utilizado como hospital) e despojado de vários objetos de culto. A retomada do Rio Grande viria a ser simbolizada através de seu templo, em alegoria que representa o Te Deum alusivo à reconquista luso-brasileira nas terras do sul.

Encerrado o domínio espanhol, a Vila do Rio Grande, progressivamente iria promover sua reconstrução e mudaria sua função primordial, não abandonando de todo seu papel estratégico militar, mas dando os primeiros sinais daquela que seria sua marca registrada no século XIX, atuando como principal entreposto comercial. sul-rio-grandense. As atividades mercantis mudariam a face da vila, mas ainda na virada do século XVIII para os primeiros anos da centúria seguinte, a Matriz de São Pedro prosseguiria aparecendo como ponto alto do espaço urbano rio-grandino, mantendo portanto sua denominação de catedral que, ainda que indevida do ponto de vista oficial, ganhara irreversível corpo sob o ponto de vista da percepção popular.

Marcante nos vários momentos que caracterizaram a formação rio-grandense colonial, a Matriz de São Pedro constituiria peça fundamental na fisionomia humana do Rio Grande português, reproduzindo costumes entre os cidadãos em seus convívios sociais e acompanhando as amplas dificuldades na consolidação do sítio urbano. O templo, como os próprios seres humanos sofreria de modo cáustico a ação da guerra e expressaria simbolicamente os benefícios da paz, numa época em que a cruz e a espada entrecruzaram caminhos de forma indelével. Vencidas as dificuldades iniciais, a Vila do Rio Grande iria se consolidar ao longo do século XIX, tornando-se o centro

mercantil gaúcho. A chamada "catedral" do Rio Grande, aos poucos, viria a conviver com esta nova urbe, cujos espaços modificavam-se constantemente e as próprias imagens construídas acerca de sua Matriz passariam por drásticas transformações.

A elevação à categoria de cidade, em 1835, representaria uma das culminâncias dos avanços rio-grandinos em relação ao progresso. Constantemente, a comuna se via na necessidade de promover transformações no sítio urbano de modo a alavancar seu ingresso ao mundo dos civilizados. A Matriz não ficaria excluída destes planos de inovação e, entre os anos quarenta e noventa, seriam apresentados diversos projetos e formadas várias comissões no intento da edificação de uma nova igreja.

Este espírito de dotar-se a cidade de uma nova Igreja Matriz, não se limitaria ao século XIX e, ao contrário, viria com maior força ainda na centúria seguinte. Se até então a principal argumentação das autoridades públicas eram no sentido de que a "antiga Matriz" não comportava mais a demanda da população, no início do século XX, ficaria muito bem demarcada a disputa entre a tendência da modernização em oposição à tradição histórica. A vila elevara-se à cidade, o povoado transformara-se em principal entreposto comercial, o precário amontoado de habitações transmutara-se em uma comuna que primava pelo embelezamento urbano. O novo e o velho enfrentavam-se no cotidiano rio-grandino e, mais uma vez, a Matriz de São Pedro seria uma das protagonistas neste cenário.

O período compreendido entre as décadas de 1930 e 1970 compreende um momento de inflexão na história do templo riograndino. Correu grandes riscos, à medida em que as tendências remodeladoras manifestas ao longo do século XIX, pareciam encontrar sua culminância. O espírito do progressismo e da modernização urbana inspiravam uma pretensão de romper com o passado e demolir a "velha" Matriz, considerada anacrônica em relação aqueles momentos de avanço da cidade portuária. A proposta da nova Matriz encontrou resistências que, associadas à tomada de consciência quanto ao tombamento histórico e artístico em nível nacional, fez valer a supremacia da tradição histórica, com a conservação do antigo templo. A Matriz seria tombada

definitivamente em 1938, eliminando-se praticamente a controvérsia, com a vitória do ideal preservacionista.

Os anos de 1935, 1937 e 1955, respectivamente, centenário da elevação à categoria da cidade, bicentenário da fundação e a efeméride dos duzentos anos do próprio templo, seriam fundamentais para a revalorização histórica da Matriz. Finalmente, já nos anos setenta, o velho templo de São Pedro reassumia, agora oficialmente tendo em vista a fundação de uma nova Diocese, a denominação que recebera nos primeiros tempos do Rio Grande de acordo com a perspectiva que tinha em relação ao restante do sítio urbano. Bicentenária, de Matriz à Catedral, a igreja rio-grandina cada vez mais encravava seu lugar na história.

As três últimas décadas do século XX e a virada para o novo milênio constituiu uma época marcada por diversas crises, as quais atingiam com mais veemência os elos mais fracos da corrente global, caso do Brasil e de algumas de suas regiões que se empobreceram mais acentuadamente, como a zona meridional do Rio Grande do Sul. A cidade do Rio Grande, que já fora o centro administrativo do sul, com uma função estratégico-militar, evoluíra para tornar-se o mais importante entreposto comercial do Rio Grande do Sul e, posteriormente, um pólo industrial do Estado, passaria a amargar uma variada gama de percalços e sobressaltos em sua existência. A Catedral também sentiu estas dificuldades e teve de sobreviver à ação do tempo, passando por amplas dificuldades nos anos oitenta e noventa, vindo, já ao final desta década, a passar por completa restauração, fruto, mais uma vez, do esforço comunitário, marca registrada na manutenção do templo. Neste ambiente de pouca auto-estima entre a população em geral, a história permanecia como um dos pontos pelos quais os riograndinos ainda poderiam buscar uma auto-valorização e, neste quadro, a Catedral de São Pedro, exerceria um relevante papel, ocupando lugar especial na memória coletiva rio-grandina, a ponto de tornar-se um verdadeiro símbolo da urbe portuária.

Como a mais antiga comunidade sul-rio-grandense, a cidade do Rio Grande deveria ser uma das mais ricas em termos de patrimônio histórico. No entanto, à medida em que, num exercício mental, se procede uma regressão

temporal, ocorrerá a percepção de que, quanto maior o recuo, menor a incidência de resquícios do passado. Neste sentido, a comuna tem razoável quantidade de prédios e monumentos remanescentes da primeira metade do século XX; quando a referência é o século XIX, a situação começa a mudar de figura, reduzindo-se drasticamente o número de bens culturais; já no que tange ao século XVIII, só restou um edifício que demarca o alvorecer da sociedade gaúcha - o templo de São Pedro.

Como os componentes do patrimônio histórico representam muito a contento lugares da memória social, no momento em que se dilapida parte deste patrimônio, importantes pedaços da própria memória coletiva vão se dissipando nos sombrios caminhos e descaminhos do tempo, relegados unicamente ao esquecimento. As construções edificadas no Rio Grande dos Oitocentos tiveram, se observadas em termos seculares, por característica fundamental a pouca perenidade. As habitações, templos, fortes, entre outros prédios foram desaparecendo ao longo do tempo, pela própria precariedade física, pelos interesses imobiliários e/ou pelas constantes reformas que a paisagem urbana viria a sofrer.

Neste quadro a Catedral de São Pedro é uma sobrevivente a esta avalanche de obstáculos representados pela ação do tempo, pelas intempéries e, principalmente, pelos interesses humanos. Não foi fácil chegar aos 250 anos.

Enfrentando temporais, areias, confrontos bélicos, idéias modernizantes, interesses imobiliários, enfim, as intempéries naturais e as mais variadas idiosincrasias e inseqüências do ser humano, a Catedral de São Pedro resistiu. Núcleo da formação histórica rio-grandina, a Igreja tornou-se o verdadeiro (ainda que não oficial) símbolo da cidade e, até hoje constitui o marco central da comuna e, junto de seu entorno, representa o grande ponto de encontro das vivências, do cotidiano, ainda mais nesta época de significativa desumanização, da sociabilidade entre os seres humanos. Perpassando dois séculos e meio, a Catedral de São Pedro, como patrimônio e, portanto, lugar da memória histórica, significa um ponto de inflexão nas inter-relações e articulações . entre o passado e o presente, deixando também uma mensagem para o futuro, na forma de uma simples palavra, mas cheia de sentido e

significância, uma única palavra que tem servido para dar sentido à vida dos rio-grandinos que viveram à sombra e protegidos pelas paredes deste nosso templo - perseverança.

Ela não foi destruída, o tempo perpassou o tempo, ela esta aqui, não é simplesmente um prédio inanimado, ela é um símbolo, um repositório de lembranças uma guardiã da memória coletiva, um patrimônio histórico dos rio-grandinos, dos gaúchos, dos brasileiros e, enfim, da humanidade.

**Fonte:**

ALVES, F. N. . Uma igreja, uma comunidade: os 250 anos de história da Catedral de São Pedro. 1. ed. Rio Grande: Editora da FURG, 2005.

***Para saber mais sobre a história da Catedral de São Pedro, adquira a obra “Uma igreja, uma comunidade: os 250 anos de história da Catedral de São Pedro” com todas as informações e ilustrações.***